

UMA ARISTOCRÁTICA MELANCOLIA

Por António Rego Chaves

Este será um livro surpreendente para muitos dos seus leitores, mesmo para aqueles que conhecem o currículo científico do prof. José Miguel Ramos de Almeida, a sua actividade como pediatra, ou a sua obra *Vício de Pensar*. A chave que talvez nos possa abrir para a compreensão da sua personalidade, encontramos-la numa das últimas páginas deste *Sótão das Memórias*, quando nos revela, ao correr da pena, considerar-se "alguém que, não sendo frívolo, gosta de parecê-lo e rir de si próprio."

Detenhamo-nos então no perfil deste gentleman que, nos primeiros anos de escolaridade, frequentou a St Julian's School de Carcavelos, surgindo-nos depois, ora como um exigente gourmet, ora como "fanático" apreciador de carros de luxo, ora como um apaixonado pelas infinitas delícias que as grandes capitais podem proporcionar aos visitantes com mais amplas possibilidades de gozar dos seus encantos; e sempre com um requintado sentido de humor, uma subtil ironia, um discreto perfume a spleen.

De súbito, eis o jovem médico, licenciado em 1954, enviado para a Guerra Colonial em Angola.

Leva dentro de si a memória de um pai perdido aos 14 anos, sonhos profissionais a realizar no País e no estrangeiro, prosadores e poetas, compositores e pintores que moldaram a cultura e os valores que faz seus, entre os quais uma persistente repugnância pelo racismo. Ei-lo, como oficial-médico, vendo matar e correndo o risco de ser morto pela "inimigo". Ei-lo descobrindo, de chofre, a selvajaria de alguns dos "seus" camaradas, capazes de torturar até à morte um prisioneiro e, até – infâmia das infâmias – de jogar à bola com a cabeça decapitada de um guerrilheiro angolano.

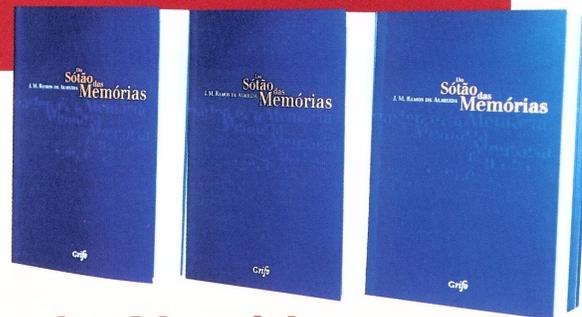
Os pediatras convivem com a morte, tratam-na por tu – e por vezes não podem evitar chorar os minúsculos seres humanos que são os seus doentes. Ramos de Almeida não nos oculta esta faceta

da sua sensibilidade, não obstante todas as precauções que utiliza para desviar quem o lê da intimidade da dor que experimenta. Mas há momentos em que não nos pode "enganar", mesmo que se remeta a uma pretensa objectividade narrativa, como quando depara com um pai e uma mãe destroçados pela morte do filho: o clínico eclipsa-se, surge o humanista, talvez solitário pelas palavras mas solidário nos actos, ferido por uma maldição que a ciência não pode esconjurar, pelo irremediável, tocado pela caritas, esse impulso que o termo "caridade" hoje tão mal traduz, porque lhe retira toda a sua generosa carga de sofrimento partilhado.

À sua tragédia pessoal, o autor não dedicará mais do que uma ou outra alusão que atravessará, qual fio de Ariadne, toda a premeditada contenção que percorre o livro, repudiando qualquer simulacro de autopiedade. Seguindo a lição de Cícero, racionaliza o sofrimento depressivo. Sabe o que não conseguimos esquecer, sabe que o tempo talvez possa apaziguar a lancinante dor moral, mas nunca eliminá-la. Sabe que o luto pelos que amamos, quando nos toca no mais fundo do nosso desejo de continuar vivos, nos acompanhará para sempre, até à morte física.

E aprendeu a enfrentar esse abismo, esse inferno climatizado, com um inabalável determinação, sob o manto de uma pausada e aristocrática melancolia. Dádiosa melancolia, essa, que não se fecha no silêncio e nos ensina a aprofundar o nosso conhecimento da condição humana.

A vida de um homem que se aproxima da velhice é, felizmente, bem mais do que a recordação dos seus mortos; é também o nascimento e a presença dos netos. O pediatra-avô que escreveu *Do Sótão das Memórias* sabe-o bem e detém-se nesse novo amor, nessa doce companhia, nessa renovação da sua própria vida. Então a ternura invade-o, como uma bênção, encaminhando-o para



Ramos de Almeida

Na primeira pessoa

Amante das coisas da vida que não se compram mas estão ao alcance de todos, José Miguel Ramos de Almeida definiu-se a “Homem Magazine” com estas palavras:

Gosto de tascas, de restaurantes modestos, de bacalhau com batatas de todas as maneiras, e de vinho tinto “chambré”. Abomino a chamada vida social e os “cocktails” e os jantares imbecis e ociosos embora cheios de presunção medíocre e de graçolas ultras.

Gosto de lentas cavaqueiras saudosistas e de discussões estimulantes.

Gosto de roupa de popeline inglesa e de sapatos velhos. Adoro a excitante actividade, o desafio e a responsabilidade da minha vida profissional.

Gosto de música clássica, de fado, de cançonetas francesas, de tangos e de literatura. Acredito, que no nosso tempo - tempo de assassinos no sentido de Rimbaud e de Miller - a única literatura possível é a autobiografia.

Gosto de alguns (poucos) poetas.

Sou um sentimental de lágrima fácil.

Gosto de cães e de gatos; do Alentejo e de Trás-os-Montes; do mar e da montanha.

Gosto de vilas medievais, de florestas sombrias, do cheiro a terra molhada e a folhas apodrecidas, da solidão.

Numa palavra: pertença ao signo de Gémeos e tenho todos os defeitos que os manuais da especialidade apontam às pessoas daquele signo.

desviar a atenção de ciprestes e jazigos, ou pelo menos para olhá-los com outros olhos, os da segunda geração dos seus descendentes.

Olhos de quem intui que há um longo futuro na Terra de que ele nunca estará completamente ausente enquanto for recordado por aqueles a quem se soube dar com discreta mas muito intensa atenção. E assim prepara o envelhecimento e – por que não dizê-lo – a morte. Passando pela aposentação, pela liberdade de escolher o rumo do seu quotidiano (*carpe diem*, finalmente!). Pronto a “ler e reler, ouvir música, brincar com os netos, jardinar, dar longos passeios com os cães, pintar naturezas-mortas e olhar as estrelas”. E disposto a noites de convívio à roda da mesa de jantar e a sonhos, sabe-se lá se dolorosos, com alguns para sempre perdidos mas nunca ausentes seres amados.

Talvez seja a altura de querer estar com Schopenhauer, de penetrar no budismo, mesmo de regressar a D. Quixote, para não abdicar da utopia. E de escrever, claro, em nome da memória de quem viveu plenamente a sua vida. Não será sem dúvida uma despedida, mas mais um aceno de fraternidade a todos nós.

Depois, a morte. Ramos de Almeida, sereno (?) agnóstico, recorda ter Cícero admitido que, se há vida eterna, a morte será bem-vinda, “pelo reencontro com os seres amados que se separaram e pela infinita bem aventurança alcançada.” Assim seja, professor.

Agradecimentos: “Homem Magazine” reproduz, com a devida autorização, o artigo do jornalista António Rego Chaves (“Diário de Notícias”, 4 Junho 2002) sobre o mais recente livro do Prof. Doutor José Miguel Ramos de Almeida, “Do Sótão das Memórias”. Ao autor, ao “Diário de Notícias” e a António Rego Chaves, os nossos sinceros agradecimentos.